



# A ideologia do empreendedorismo no campo da tecnologia da informação: adesões e rupturas a partir dos trabalhadores assalariados<sup>1</sup>

Laura Senna Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é compreender a presença e o sentido da ideologia do empreendedorismo entre os assalariados de uma categoria profissional. Tendo, como base, uma pesquisa qualitativa, feita junto aos trabalhadores do segmento da tecnologia da informação da cidade de Santa Maria (RS), busca-se observar em que medida ocorrem adesões e/ou rupturas com os sentidos e com os significados predominantes de empreendedorismo. Trata-se de analisar quais são as motivações para o engajamento e/ou para as desfiliações, em relação a essa perspectiva de ações econômica e política. A partir de entrevistas, de questionários e de fontes documentais, observaram-se as dimensões estruturais e os aspectos subjetivos, associados ao modo de vida e à socialização profissional, bem como as condições de trabalho e as trajetórias laborais. O artigo indica que há diferentes motivações e modos de se relacionar com o empreendedorismo: por convicções, pela precariedade da condição salarial e/ou por rupturas de sentido.

**Palavras-chave:** ideologia; empreendedorismo; gestão laboral; tecnologia da informação.

1 Esta pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic).

2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria – Brasil – laurasennafe@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-4564-1971>

## **The entrepreneurship ideology in the information technology field: adhesions and ruptures from salaried workers**

**Abstract:** *The article tries to understand the presence and sense of entrepreneurship ideology among employees in a professional category based on qualitative research among workers in the information technology segment in Santa Maria (RS State). It seeks to observe the extent to which adhesions and ruptures with the predominant senses and meanings of entrepreneurship occur. It is about analyzing the motivations for engagement and disaffiliation with this perspective of economic and political action. Based on interviews, questionnaires and documentary sources were observed structural and subjective aspects associated with the way of life and professional socialization, as well as working conditions and work trajectories. The article indicates that there are different motivations and ways of relating to entrepreneurship: by convictions, by the precariousness of the salary condition and/or by meaning ruptures.*

**Keywords:** *ideology; entrepreneurship; labor management; information technology.*

## **La ideología del emprendimiento en el campo de la tecnología de la información: adhesiones y rupturas a partir de los trabajadores asalariados**

**Resumen:** El objetivo de este artículo es entender la presencia y el sentido de la ideología del emprendimiento entre los asalariados de una categoría profesional. Se toma como base a la investigación cualitativa junto a los trabajadores del segmento de la tecnología de la información de la ciudad de Santa María (RS). Se busca observar en qué medida ocurren las adhesiones y/o rupturas con los sentidos y significados predominantes del emprendimiento. Se trata de analizar las motivaciones para el compromiso y/o desafilaciones con esa perspectiva de acción económica y política. A partir de entrevistas, cuestionarios y fuentes documentales, se observaron aspectos estructurales y subjetivos asociados al modo de vida y socialización profesional, así como las condiciones laborales y trayectorias laborales. El artículo señala que existen diferentes motivaciones y formas de relacionarse con el emprendimiento: por convicciones, por la precariedad de la condición salarial y/o por rupturas de sentido.

**Palabras clave:** ideología; emprendimiento; gestión laboral; tecnología de la información.

## Introdução

O campo da Tecnologia da Informação (TI) é particularmente permeável aos ideais do empreendedorismo, como ação econômica, visão de mundo e modo de vida. As características do segmento, associadas à alta modernidade, conectividade, inovação e juventude, tornam os agentes econômicos e do trabalho mais sensíveis às perspectivas empreendedoras, em razão tanto da maior facilidade de abertura de negócios no âmbito da TI, a exemplo das *startups*, quanto pela associação entre empresa-trabalho em rede e um certo *ethos*, que desperta para o léxico empreendedor: proatividade, flexibilidade, inovação, competência e risco.

Apesar de o segmento ser mais permeável às ideias do empreendedorismo, muitos trabalhadores não se manifestaram favoráveis e motivados a se tornarem empreendedores. Igualmente, parte dos atuais “empreendedores” indicaram o desejo de serem assalariados, desde que em condições monetárias superiores àquelas comumente encontradas no mercado. A reiteração do repertório empreendedor é uma característica marcante no segmento e está presente nas instâncias institucionais, nos léxicos daqueles que optaram pela abertura de um negócio e entre os trabalhadores assalariados. Entretanto, para os últimos, o empreendedorismo se coloca, com frequência, quando a condição salarial é precária, ou seja, quando os salários são considerados insuficientes, em relação às necessidades da ordem das despesas, dos desejos, dos projetos e das expectativas correspondentes às formações escolar e/ou acadêmica. Isso significa que, para os trabalhadores, em grande medida, são os baixos salários do mercado local que repercutem na possibilidade de abertura do próprio negócio.

O horizonte do empreendedorismo se enlaça ao conjunto dos trabalhadores. Mas, devido às clivagens das profissões, formações, rendimentos, trajetórias e experiências, não se coloca de modo igual para todos. Em razão da relação que se estabelece entre mentalidade e experiência, há capacidades distintas de permeabilidade no quadro das ocupações e, igualmente, no seio de uma profissão – como é o caso da área da Tecnologia da Informação –, considerando que há diferenças, desigualdades e hierarquias entre as empresas e entre os próprios trabalhadores.

Assim, a aspiração de ter o próprio negócio nem sempre indica uma maior adesão a esse universo de valores, pois, em alguns casos, a motivação para fazê-lo pode estar mais na insuficiência da condição salarial do que no engajamento *per se*. Desse modo, aquele que tem a propriedade do próprio negócio não está necessariamente mais afinado com a ideologia do empreendedorismo, posto

que a convicção não é o único componente, nem, essencialmente, o determinante da equação. Em se tratando de uma visão de mundo com força de impacto nas ações, o empreendedorismo pode ser mais ou menos influente, conforme as trajetórias, as posições sociais e as experiências de vida e de trabalho.

Na cidade de Santa Maria (RS), em que esta pesquisa foi realizada, há um fomento ao segmento da Tecnologia da Informação (TI). De modo emblemático, cita-se a constituição de um Arranjo Produtivo Local (APL), o chamado APL CentroSoftware, e de um parque tecnológico, o Tecnoparque<sup>3</sup>, além das legislações de incentivo, entre outras iniciativas para dinamizar o setor de TI, muitas delas inspiradas em modelos como o da cidade de Florianópolis (SC), conhecida por ser um polo tecnológico.

A questão do assalariamento no mercado de trabalho local é referida, pelos interlocutores deste estudo, como razão para a busca por inserção mais satisfatória em outras cidades. Expresso em outros termos, os trabalhadores apontam os baixos salários como a motivação essencial para a “*fuga dos cérebros*”, indicada como um gargalo do segmento, em razão do fato que a cidade de Santa Maria forma muitos profissionais, em faculdades como UFSM, UNIFRA, ULBRA<sup>4</sup>, entre outras, e muitos deles não ficam na cidade. Igualmente, no caso daqueles que desejam abrir um negócio, a saída da cidade se coloca, muitas vezes, com base na expectativa de se posicionar de modo mais favorável em relação às grandes corporações que dominam o mercado.

O léxico empreendedor se faz ainda mais presente no contexto da flexibilidade laboral brasileira, especialmente após a Reforma Trabalhista de 2017. Se, por um lado, é motivador de práticas voluntárias, por outro, representa uma heterodeterminação da experiência, como no caso daqueles e daquelas que se sentem compelidos ao empreendedorismo e/ou a se representar desse modo, porque esse termo se tornou hegemônico como expressão de visão de mundo e de condutas positiva e reconhecida.

Para a realização deste estudo, foram mapeados os espaços do campo da TI na cidade de Santa Maria, enumerando as empresas, os agentes e as instituições relevantes no segmento. A pesquisa buscou conhecer a história do setor, bem como observou as principais políticas públicas e ações institucionais dirigidas à área de tecnologia. Através de documentos, como editais, resoluções, notícias

---

3 O Tecnoparque é uma associação independente, inaugurada em 2012, com o propósito de tornar Santa Maria uma cidade mais empreendedora. Sobre o parque, cf.: Disponível em: <<https://santamariatecnoparque.com.br/>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

4 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Franciscana (UNIFRA) e Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

e mídias digitais, analisou-se a construção de uma cultura empreendedora e a presença de um perfil formativo propositivo de um *ethos*, necessário à empregabilidade. Ao longo do percurso, a investigação procurou incorporar empreendimentos de diferentes porte e atividade e, a partir de contatos iniciais, foi constituindo uma rede, com base na indicação dos interlocutores.

Os dados deste estudo se baseiam em pesquisa, desenvolvida ao longo do período 2016-2018, quando foram realizadas análise documental, observação direta e entrevistas. Ao todo, foram feitas 38 entrevistas, ao longo de três anos: 13 com instituições da cidade, que influenciam direta ou indiretamente no setor; 7 com empreendedores; 16 com trabalhadores; e duas com gestores (assalariados, mas que foram indicados separadamente, por exercerem funções de gestão). Para o presente artigo, serão consideradas somente as entrevistas semiestruturadas realizadas junto aos trabalhadores. Para todos os interlocutores, foi aplicado um questionário, contendo perguntas sobre perfil socioeconômico, escolaridade, rendimentos, inserção ocupacional, entre outros.

Do ponto de vista das técnicas, a pesquisa parte das considerações de Pierre Bourdieu (2005) sobre as dimensões epistêmicas presentes nas escolhas dos procedimentos. No que toca ao modelo de pesquisa, trata-se de uma investigação qualitativa, e, em relação ao método, o propósito é realizar uma abordagem, considerando a totalidade dos processos e suas contradições. O debate teórico desta pesquisa toma, como base, três dimensões consideradas essenciais na produção do conhecimento: 1. Teoria social; 2. Teoria sociológica; e 3. Teoria do objeto. As categorias e os conceitos que balizam a reflexão são sobretudo as noções de ideologia, de empreendedorismo e de gestão laboral. O corrente problema sociológico se torna pertinente em razão do avanço e da capacidade de influência da ideologia do empreendedorismo, a qual se engendra ao se sobrepor às divergências, que remetem a outras possibilidades de conduta acerca de como viver e de como reproduzir a vida. A reflexão, por conseguinte, passa pela compreensão de que as representações também constroem o mundo (Bourdieu, 1990) e que, sendo assim, faz-se importante compreender as disputas de sentidos gravadas na vida social.

O presente estudo tem, como objetivo, compreender as adesões e/ou as rupturas promovidas pelos trabalhadores assalariados do setor de tecnologia da informação da cidade de Santa Maria (RS), em relação à ideologia do empreendedorismo. Trata-se de apreender em que medida esse modelo empreendedor de ação e de percepção se insere entre os sujeitos que atuam como assalariados no segmento da TI. Com base nessas questões, este artigo está dividido em três partes: na primeira seção, discutem-se os principais argumentos e os modelos

de subjetividade do léxico ideológico do empreendedorismo, presentes no campo da TI; a seguir, são analisados aspectos da gestão e do cotidiano laboral, que frustram e/ou que potencializam tal concepção; e, por fim, analisam-se correlações e tensões entre gestão laboral, assalariamento e empreendedorismo, desde os pontos de vista da teoria sociológica e dos interlocutores.

### Reflexões teóricas e aspectos preliminares sobre o campo investigado: posições sociais, experiências e visões de mundo

O contexto de fortalecimento da ideologia do empreendedorismo remete às transformações estruturais do capitalismo, desde os processos de reestruturação produtiva e do avanço do neoliberalismo. Desde os anos 1970, intensificando-se nos 1990, verifica-se uma reorganização global das empresas, nos sentidos de se tornarem mais enxutas e de operarem em rede. As mudanças organizacionais se articulam às transformações tecnológicas no horizonte de um novo repertório de ações: *just-in-time*, terceirizações, trabalho em equipe, trabalho por projeto, mobilidades contratual e espacial, oposição às burocracias etc. Na busca por vantagens competitivas, as ordens empresarial e política passam a ser desregular, acarretando flexibilização de contratos, de funções e de direitos.

Na lógica da “acumulação flexível” (Harvey, 1992), afere-se a necessária emergência de um novo perfil de trabalhador, mais disposto a se envolver intelectual e afetivamente com a empresa, a buscar constantemente novos conhecimentos e novas habilidades, a ampliar seu *networking*, a ter disponibilidade para se adaptar e para ver a si mesmo como um empreendedor, voltado a expandir a própria empregabilidade (Boltanski e Chiapello, 2009). Esse novo trabalhador será concebido como aquele que faz das incertezas, da velocidade das mudanças e das instabilidades, insumos e recursos para novas oportunidades e novos rendimentos. O campo da TI já emerge neste contexto de reconversão produtiva e, em razão disso, os profissionais da área se tornam mais permeáveis a uma cultura de riscos. Numa associação entre flexibilidade e liberdade, os capitais sociais são concebidos como favoráveis à “empregabilidade e permanência num mercado em contínua transformação” (Lima, 2010: 160).

Com base no entendimento de que há uma relação entre posições sociais e determinadas disposições (Bourdieu, 1990), foi fundamental, neste estudo, conhecer o espaço social da experiência dos interlocutores. Desse modo, indagar acerca da família, escolaridade, rendimentos, ocupações e gostos foi peça-chave para conhecer o perfil dos trabalhadores da tecnologia da informação, para além da esfera laboral, propriamente dita. Tal momento da pesquisa teve como

base a perspectiva de que aprender sobre a origem familiar, formação e modo de vida contribui na compreensão da escolha pela atuação no campo da tecnologia. Igualmente, no que diz respeito às dimensões estruturais e subjetivas do trabalho, abordando sobre vínculos contratuais, jornadas, funções, rendimentos, relação trabalho e família, formas de gestão, entre outros, permitiu conhecer a posição desses indivíduos no mundo do trabalho e as suas conexões nas diferentes esferas da vida. Ambos os espaços, o do modo de vida, mais geral, e o da esfera do trabalho, em particular, são fundamentais no entendimento das condições de negação, de motivação e/ou de adesão às noções de empreendedorismo.

Uma das perguntas que embasou o estudo foi se haveria algum *habitus* (Bourdieu, 1990), associado à condição de classe e/ou profissional, que contribuiria, como predisposição, tornando o segmento da tecnologia especialmente permeável aos valores do empreendedorismo. Qual a singularidade do trabalho no campo da tecnologia da informação? Quais as estratégias de diferenciação desse coletivo de trabalhadores? Essas perguntas levaram a observar as formas de diferenciação social construídas por esses profissionais, analisando o estilo de ser, as performances e as condutas, de modo a compreender os patrimônios técnico e cognitivo associados a essa área específica, bem como a competência, do ponto de vista das habilidades, dos capitais escolar e cultural, que, espera-se, seja de domínio destes profissionais, ou seja, regras de um campo específico – o da TI –, que decorrem da socialização singular desses trabalhadores.

O segmento da TI compreende certas expectativas das ordens do gosto (games, ficção) e do estilo (liderança, proatividade), aspectos de um modo de vida (*nerd*), linguagem (termos técnicos), crenças e valores (meritocracia). Há, portanto, repertórios valorativo e atitudinal disponíveis, com base nos quais o trabalhador se integra à profissão e tem suas recompensas e/ou frustrações. Nesses termos, tais características criam as condições para uma maior influência de determinadas ideias, nesse caso, daquelas associadas ao empreendedorismo. Isso significa que há um círculo de crenças, que confere verossimilhança às performances, envolvendo comportamentos, valores, paixões, signos de pertencimento e de linguagem, uma partilha de sentido na definição da realidade (Maia, 2019). Desse modo, os profissionais se inserem em uma cultura e passam a fazer “parte de uma comunidade, estilo de vida, modo de consciência” (Zanon, 2019: 93).

Existem coletivos de trabalhadores mais dispostos a incorporar as ideias associadas ao empreendedorismo? Há sujeitos sociais que são os portadores privilegiados dessa ideologia? Essa condição passa pela origem de classe, geracional, experiências laborais e/ou posição em determinado segmento profissional? Se, por um lado, essas variáveis correspondem a uma maior ou menor

sensibilidade para a adesão às noções do empreendedorismo, por outro lado, uma determinada experiência de classe, de grupo, de ocupação e/ou de condições de trabalho poderia ser, então, uma barreira à aceitação da concepção empreendedora? Em que condições isso acontece? E o que seria efetivamente uma afiliação ao empreendedorismo? Seria uma aderência com base em convicções ou uma anuência mais performática, para corresponder às expectativas do que significa ser moderno e atualizado nos dias de hoje?

Com base nessas indagações, observou-se que as adesões aos princípios do empreendedorismo não seguem um curso linear no campo da TI. Mesmo no segmento mais emblemático do capitalismo das redes e das plataformas, considerando os trabalhadores que atuam diretamente com essas tecnologias, como no caso dos desenvolvedores, dos analistas e daqueles que dão suporte e manutenção aos dispositivos informacionais, há tensões, que oscilam entre a expressão de uma representação valorizada pela área, qual seja, a figura do empreendedor, associado a uma dimensão positiva de inovação, e as experiências do dia a dia que, muitas vezes, não realizam as premissas iniciais nas relações laborais. Dessas frustrações, advém, muitas vezes, um abandono, uma desilusão, quando se abre mão de uma adesão aos valores do empreendedorismo, que, às vezes, mesmo que fragilmente, fazia-se presente, por se tratar de um certo rito de ingresso no campo das redes.

A palavra empreendedor é uma classificação que coroa méritos, uma espécie de código de honra, prestígio e reputação para esse coletivo profissional. Associar-se a esse termo é uma forma de fazer parte da rede. Por sua vez, para a compreensão das transgressões e recusas a esse horizonte, é preciso descer à esfera das vivências e considerar os múltiplos espaços de ação dos interlocutores. Se, num primeiro momento, coloca-se uma adesão discursiva e atitudinal em relação ao empreendedorismo, muitas vezes, na ocasião seguinte, dá-se o abandono, uma espécie de partida em relação a um ponto inicial com o qual se era cúmplice por ainda não ter tido a chance experienciá-lo por um tempo maior – esse é, com frequência, o caso dos mais jovens.

Pode ocorrer que a adesão aos ideais do empreendedorismo aconteça de modo performático; quer dizer, como uma adesão estratégica (Goffman, 1985), sem que os atores tenham convicção efetiva no fundo de suas almas. Entretanto, com frequência, trata-se de uma afiliação sincera, no sentido trazido por Goffman (1985), em relação à qual se abandona o pacto somente em razão de acontecimentos das experiências, levando a rupturas com aquilo, que, a partir do vivido, passou a ser considerado um “engano”, como no caso referido por Bourdieu (2007), ao analisar as tensões em torno da noção de meritocracia,



vivenciada por jovens com altos níveis de capital escolar, mas que não encontram espaço de inserção no mercado de trabalho.

Com essas referências, compreendem-se, de maneira mais precisa, a mentalidade e os valores associados ao modo como os trabalhadores produzem as suas vidas no trabalho e nos seus espaços de sociabilidade, tendo em vista a inteira experiência de homens e mulheres (Thompson, 1998). Essa inteira experiência ecoa no sentido da perda de eficiência do empreendedorismo junto a alguns sujeitos, sobretudo, no horizonte das origens, associadas às classes populares, mas não somente nesses casos, haja vista que a “desilusão” (Bourdieu, 2007) com o repertório do empreendedorismo também abre passagem para o abandono das expectativas e adesões iniciais.

As condições concretas de vida nem sempre autorizam as crenças e as convicções da ordem do mérito, que estão subentendidas no repertório empreendedor. Muitas vezes, os trabalhadores utilizam a linguagem do empreendedorismo porque essa é a terminologia hegemônica, reconhecida e valorizada, mas, na sequência dos discursos e das práticas, observa-se uma frequente desfiliação aos pressupostos implícitos à noção. Esse relativo abandono do vínculo pode ocorrer nas ordens dos valores e dos projetos – pois nem todos desejam investir efetivamente no caminho do empreendedorismo e, comumente, esperam dar outros rumos as suas vidas.

A perspectiva do mérito é um dos aspectos constitutivos da concepção de empreendedorismo. Essa visão de mundo se faz presente entre as diferentes classes sociais. Entretanto, em conexão com as condições concretas de vida, o mérito é uma classificação sustentada com mais vigor pelas classes médias, as quais se beneficiam efetivamente dessa construção social (Nogueira, 2000). Nos meios populares, ocorre uma menção mais fluída aos valores da meritocracia. As experiências referentes aos pontos de partida desiguais e ao ingresso na competição, que, não raramente, reforça o ponto de partida, favorece à renúncia a tais ideais (Willis, 1991).

De um ângulo macro, o Brasil e o mundo experimentam um período de forte avanço das ideias neoliberais. Isso significa um contexto que favorece, além do empreendedorismo, a noção de empregabilidade, quer dizer, foco nas competências individuais como formas de escapar do desemprego e ampliar as oportunidades. A empregabilidade é a visão que atribui, sobretudo, ao trabalhador a responsabilidade pelas próprias formação e atualização (Dubar, 1999), no sentido de ensejar um permanente investimento privado no próprio portfólio. A ideia de intraempreendedorismo (Filion, 2004) amplia de tal modo o sistema classificatório, que, no plano da linguagem, praticamente desaparecem

as diferenças entre as categorias empregabilidade e empreendedorismo, posto que o trabalhador adquire um status de empreendedor funcionário, que atua de modo criativo e inovador no interior do espaço laboral.

Pode ocorrer que o modelo empreendedor de conduta e as ideias correspondentes se tornem referenciais de mundo mesmo para aqueles que não têm a mínima chance de serem empreendedores. Nesse ponto, vale a indagação de Boltanski e Chiapello (2009) quanto à repercussão do discurso entre aqueles que não possuem recursos para empreender. No percurso desse sistema classificatório, com base na concepção de empreendedorismo, a perspectiva do agente empresarial se fortalece no horizonte das socializações educacional e profissional. Nas lutas pelas definições das práticas, verifica-se uma colonização classificatória que promove, em grande medida, uma confusão conceitual (Dardot e Laval, 2016), pois, de repente, empreendedorismo passou a ser uma palavra de ordem, que se emprega para quase tudo, inclusive, nos espaços privados – *coaches* aplicam a linguagem empreendedora nas relações amorosas e sexuais, por exemplo, como bem lembra Alves (2011). Assim, a definição extrapola o âmbito econômico e se estende às demais relações sociais.

Se os sistemas classificatórios não determinam as ações, faz-se necessário reconhecer que eles são cruciais nas lutas simbólicas e, conseqüentemente, nas lutas sociais em geral. A autoridade classificatória do empreendedorismo contribui para fortalecer atores e posições que o sustentam como solução e saída para os dilemas das desigualdades e demais problemas sociais. Nesse sentido, o empreendedorismo acaba por entrar na disputa das ideologias (Eagleton, 1997), que extrapolam a esfera da linguagem e dos sistemas classificatórios – em relação aos quais, de modo geral, apresentam-se outras contra ideologias (Bosi, 2010) – e ganham foro de política pública.

No caso em questão nesta pesquisa, pode-se ter como referência a mencionada política do APL<sup>5</sup>, as legislações municipais<sup>6</sup> direcionadas ao setor de tecnologias, as disciplinas<sup>7</sup> voltadas ao empreendedorismo nos currículos acadêmicos dos cursos da área da tecnologia da informação e o parque tecnológico da cidade (Tecnoparque), enquanto algumas das expressões de recursos

---

5 O CentroSoftware foi criado em 2009 e é formado por empresas de tecnologia (desenvolvimento de *softwares*, jogos, *hardware* com *software* embarcado, telecomunicações e segurança da informação) da região central do Rio Grande do Sul.

6 A legislação se compromete a apoiar as incubadoras de base tecnológica e as micro e pequenas empresas do setor e garante que o poder público municipal fomentará as tecnologias inovadoras das empresas locais, mediante incentivos fiscais.

7 Foram analisados os Projeto Político Pedagógicos (PPP) e as disciplinas dos cursos superiores da área da tecnologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

públicos empregados no horizonte de uma ação concreta, que decorre de uma determinada visão de mundo e de um projeto de sociedade.

A categoria empreendedorismo se torna hegemônica e naturalizada. Por ela, tem passado tudo de mais produtivo e interessante que tem sido desenvolvido: uma espécie de teologia da prosperidade, que se vê manifesta em discursos capazes de bloquear a crítica social (Boltanski e Chiapello, 2009), justamente porque há uma simbiose entre as narrativas da crítica e do mercado e ambas lançam mão da gramática empreendedora. Quem se oporia ao empreendedorismo na sua definição ampliada, quando ela inclui inovação, ousadia e criatividade? A gramática do empreendedorismo tem traduzido toda a experiência humana criativa e inovadora, obliterando a imaginação social, no que versa sobre a possibilidade de outros arranjos produtivos e sociais. Criou-se um senso comum de que a forma de se fazer algo pela sociedade é por meio do empreendedorismo, quer dizer, criar e inovar, promover empresas, dar retorno em tecnologia e gerar emprego é algo que os empreendedores sabem e devem fazer. O empreendedor, assim, torna-se modular e é apresentado como o tipo de sujeito mais interessante e desejável, o exemplo emblemático das possibilidades de sucesso e de bem-estar.

Do ponto de vista da ideia de filiação, é crucial indagar sobre o que garante o engajamento ao empreendedorismo, do que depende a sua capacidade de inserção no tecido social e quais são as disposições que precedem e asseguram uma incorporação eficiente. No caminho inverso, faz-se necessário entender quais são os aspectos que embaraçam o engajamento. Nesse sentido, torna-se relevante o que os interlocutores deste estudo entendem por empreendedorismo, ou seja, o que isso significa para eles. Às vezes, pode significar apenas o desejo de não ter um chefe. E no que consiste esse desejo? Nesse ponto, a análise das condições e das formas de gestão do trabalho se torna crucial.

## Empreendedorismo, assalariamento e gestão laboral

No caso do segmento da tecnologia da informação da cidade de Santa Maria (RS), foram observadas as principais institucionalidades atuantes na promoção do empreendedorismo, quer dizer, o empenho de instituições acadêmicas, políticas e empresariais<sup>8</sup>. Indo além, portanto, das predisposições de um *habitus* familiar e ocupacional, é preciso pensar sobre as condições institucionais em

---

8 A Agência de Desenvolvimento de Santa Maria (ADESM) integra as ações do poder público, instituições de ensino, setor empresarial, associações afins e voluntários da sociedade no fomento ao empreendedorismo. Disponível em: <<http://adesm.org.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2021.

um determinado território (Ramalho, 2002), que favorecem ao desenvolvimento de tal *habitus*.

São dois os planos articulados na análise: o das institucionalidades e o das subjetividades. No plano subjetivo, coloca-se a dimensão performativa mencionada anteriormente. A questão da performance tem a ver com a teatralização da vida social (Goffman, 1985) num contexto em que há um desejo, por um lado, de fuga do fracasso e, por outro, um reconhecimento de que o empreendedorismo é considerado mais legítimo do ponto de vista social. No que toca à performatividade, no sentido de se conformar, por um lado (externo), e de guardar uma inconformidade, por outro (interno) – na alma do ser (Chauí, 1993) –, os trabalhadores não necessariamente estão engajados.

Nesse bojo, coloca-se a reflexão sobre individualidade, sobretudo no que diz respeito à ideia de uma individualidade autêntica (Rosenfield, 2006), em oposição à produção de um tipo humano único, semelhante e unilateral (Marcuse, 1992), que emerge da repetição de uma determinada postura. Se o tipo humano empreendedor se coloca como modelo, por corolário, trai as premissas que constituem o seu fundamento, quais sejam, criatividade e inovação constantes. Os portfólios curriculares se tornam, assim, cada vez mais semelhantes, em decorrência do reconhecimento geral de quais são os termos e as demandas no que tange às competências, aparências e linguagens; assim, no lugar da singularidade de cada um (Benjamin, 2000), coloca-se o risco da mimese. A performance, com base em um modelo de sujeito, faz parte de um mecanismo de gerenciamento de impressão para conseguir contratação e/ou melhorar a posição em determinados mercados. Como a fórmula se generaliza como modelo de sucesso, a resultante é a homogeneidade, posto que a maioria se adapta para obter o que deseja, assumindo papéis previstos para gerar impressões positivas, o que leva a uma fragilização da individualidade no correspondente às competências, falas, estéticas e desejos.

Os interlocutores desta pesquisa – que compõem a expressão de um capitalismo reticular (Castells, 1999) – são trabalhadores assalariados em ocupações predominantemente imateriais e cognitivas, parte de uma categoria marcada por profundas clivagens laborais, dos pontos de vista dos contratos, da gestão e dos salários. Se, por um lado, o segmento do qual eles fazem parte produz profundas polarizações, por outro, permanece a condição de trabalhadores que se ocupam com tecnologias da informação, o que faz com que percebam a si mesmos como portadores de uma missão, qual seja: modernizar e transformar em algoritmos todas as esferas da vida que assim permitirem: “*estou olhando esse papel na tua mão e já estou pensando em como transformá-lo num aplicativo*”

(relato, trabalhador M. I., 2017)<sup>9</sup>. Eis o que um dos interlocutores disse à pesquisadora durante a entrevista.

As entrevistas com os trabalhadores foram seguidas da aplicação de questionários, nos quais foram abordados vários aspectos para contribuir no entendimento do perfil dos interlocutores. Parte das respostas será indicada a seguir.

Sobre os trabalhadores: 1) Idade dos interlocutores: a maioria está na faixa dos 20 aos 30 anos; 2) Estado civil: a grande maioria é de solteiros que não possui filhos; 3) Ocupações dos pais: gerente; vendedora; agricultor; cobrador; cozinheira; confeiteira; marceneiro; juiz do trabalho; bancária; bancário; autônomo; servidor público; artesã; funcionária do estado; dentista; professor; professora; pedagoga; contador; autônomo; suinocultor; proprietário de restaurante; dona de casa; 4) Formação escolar dos pais: mãe: a maioria tem ensino médio completo; pai: a maioria tem ensino superior; 5) Escolaridade dos entrevistados: apenas um possui curso técnico de nível médio; todos os demais possuem ensino superior; 6) Cursos de formação mais citados: Sistema de informação; Técnico em informática; Tecnólogo em sistema; Ciência da computação; 7) Instituições universitárias nas quais estudaram: UFSM; UNIFRA; ULBRA.

Sobre os trabalhadores nas referidas ocupações: 1) No que tange à atividade desenvolvida pelo estabelecimento no qual trabalham algumas das funções citadas, foram: imobiliário; *delivery* de comida *online*; desenvolvimento de *software*; ensino; suporte técnico; tintas de segurança; Instituto Federal; emissão de nota fiscal; desenvolvimento de *website*; 2) Em relação à ocupação desempenhada, as respostas mais correntes foram as que seguem: desenvolvedor de *software*; engenheiro de *software*; gerente de projetos; analista de suporte; analista de sistemas (suporte); técnico de sistemas; analista de TI; técnico em informática; 3) Sobre o tempo de ocupação na empresa corrente: a maior parte está no atual emprego há menos de dois anos; 4) A respeito das formas de contratação é feita principalmente por meio da CLT; 5) As empresas tem até dez funcionários; 6) O maior número de trabalhadores tem rendimentos na faixa de um a três salários mínimos.

A gestão da empresa, desde Frederick Taylor (1856-1915), é apresentada como resultante de uma ação científica. Todavia, a gestão é fortemente impactada por uma determinada concepção ideológica. A mais recente delas está sob impacto da noção de empreendedorismo, que, numa concepção ampliada, no sentido de uma determinada racionalidade subjetiva, refere-se a todos os sujeitos inovadores, talentosos e criativos, voltados a investir em si mesmos; assim,

9 Os entrevistados serão identificados pelas iniciais dos próprios nomes.

tanto o proprietário de uma empresa como os trabalhadores dela podem ser considerados empreendedores (Filion, 2004).

A reflexão sobre ideologia proposta neste artigo está inspirada, sobretudo, na obra de Eagleton (1997) e parte de uma noção ampliada que está para além das dicotomias mais usuais neste debate. Conforme o autor, a ideologia precisa contar uma versão da realidade que seja real e reconhecível o bastante para não ser rejeitada. Ela seria vulnerável se falhasse por completo em se harmonizar com a experiência vivenciada. Entretanto, isso não contradiz o fato de que, com frequência, ideologias contêm proposições falsas – é o caso das ideologias racistas e sexistas, por exemplo. A ideologia tem força material e é capaz de organizar a vida prática dos seres humanos. Para o autor, como não vivemos num mundo de cínicos ou de masoquistas, a maioria precisa acreditar que as injustiças estão prestes a serem corrigidas ou que são inevitáveis ou que não são injustiças. Tal significa dizer que as crenças precisam estar, de algum modo, apoiadas

pelo mundo que nossa atividade prática nos revela; acreditar que um número maciço de pessoas viveria e por vezes morreria em função de ideias absolutamente vazias e disparatadas é assumir uma postura desagradavelmente aviltante em relação aos homens e mulheres comuns. Ver os seres humanos como atolados em preconceito irracional, incapaz de raciocinar de modo coerente, é uma opinião tipicamente conservadora (Eagleton, 1997: 24).

Esse olhar ampliado para o tema da ideologia – e a atenção para o fato de que elas existem porque há outros sentidos e significados para as ações (Bosi, 2010) – permite compreender a relação entre empreendedorismo, gestão laboral e adesão e/ou rupturas com uma determinada visão de mundo entre os profissionais do campo da TI. A gestão do trabalho é um dos principais aspectos que diferencia as empresas em mais ou em menos hierárquicas e atualizadas em relação às propostas contemporâneas de gestão, em grande medida, desenvolvidas pela e para a área de tecnologias em rede. Pode-se conceber a gestão em dois estilos que basicamente se expressam numa lógica mais horizontal ou mais vertical. A primeira é considerada a expressão de uma resposta democratizante que as empresas entregaram quando confrontadas com a crítica ao autoritário modelo taylorista-fordista de gestão (Boltanski e Chiapello, 2009; Sennett, 2008).

Parte das empresas, nas quais os interlocutores desta pesquisa trabalham, visando a uma condição mais conveniente à produtividade, preocupa-se em oferecer um ambiente com um clima favorável ao bem-estar laboral. Nesses casos, destacam-se os espaços da empresa com frigobar com bebida, mesa de *ping-pong*, *videogame* e até piscina para os intervalos do trabalho, os quais são seguidos de

um *happy hour*. Na forma e no conteúdo, os propósitos são claros: superar os modelos hierárquicos de gestão, que caracterizam as empresas taylorizadas, e construir um modo menos fastioso de ampliar a produtividade, quer dizer, os espaços são voltados para obter o melhor resultado, onde o controle do trabalho ocorre de modo menos visível, por meio de metas e de resultados (Pires, 2021).

As empresas que aderem a esse tipo de proposta são as que operam com base numa relação decisória horizontalizada: *“Não é um fala o que o outro vai fazer e aí é isso aí. A gente discute junto... É bem horizontal”* (relato, trabalhador C. A., 2018). Nesse modo nivelado, os chefes são vistos mais como amigos do que como superiores – são líderes, que não impõem, mas conduzem e estimulam o grupo. As empresas de TI funcionam, em grande medida, na lógica dos projetos (Boltanski e Chiapello, 2009) e, para cada um deles, tem uma equipe, favorecendo uma proximidade concebida como abertura à criação, novas ideias e benefícios para o grupo. Conforme uma das trabalhadoras: *“todos aqui dentro, de uma forma ou de outra, sabem como o negócio funciona... a gente tem que saber do todo, tem que tá por dentro do contexto, porque isso impacta nos meus resultados”* (relato, trabalhadora C. T., 2018). A relação equilibrada entre as posições é muito valorizada entre os trabalhadores da TI, de modo a favorecer a autonomia na execução dos projetos: *“é mais uma colaboração do que um dá a ordem e o outro obedece. Tem mais uma conversa, ‘ah, a gente tá planejando fazer tal coisa. O que que tu acha?... Pra depois tomar aquela decisão”* (relato, estagiário J. O., 2018).

É igualmente valorizada a liberdade para desenvolver e para resolver problemas sem que haja uma imposição rígida quanto à divisão de tarefas. Segundo um dos interlocutores, a chefia diz: *“olha, eu quero que você faça isso, isso e isso, e, no final, o resultado vai ser esse’. Como que eu vou chegar no resultado é uma opção minha”* (relato, estagiário J. O., 2018). Sobre essa dinâmica horizontal, valorizada por permitir mobilização dos capitais sociais, flexibilidade e liberdade, tem-se a fala de uma das trabalhadoras: *“a gente tem muita autonomia. A gente pesquisa referência, a gente estuda, a gente usa nosso background, que a gente já carrega da vida, assim, e aí pra aplicar no que a gente produz”* (relato, trabalhadora M. O., 2018).

Sobre essa questão, a partir de Wolff (2009), observa-se que a informatização cria condições para o novo modelo de empresa-rede. Em um contexto de competitividade, a comunicação rápida é fundamental. Para tanto, fazem-se necessárias “uma estrutura organizacional integrada, flexível e enxuta e uma nova cultura produtiva com vistas a estimular o trabalhador a estar aberto a mudanças e afeito a compartilhar informações pertinentes à melhoria da produtividade”

(Wolff, 2009: 107). Desse modo, prioriza-se a fluidez da comunicação, em detrimento da rigidez, associada às hierarquias. Assim, tem-se a emergência de novos paradigmas organizacionais, os quais abarcam as subjetividades do trabalho em sua dimensão cognitiva. É o que os relatos de parte do grupo de trabalhadores permitem observar, quer dizer, as subjetividades técnica, intelectual e comunicacional dos trabalhadores estão estreitamente integradas aos processos. Muitas empresas de TI são *startups*, têm uma equipe pequena e, em razão disso, os trabalhadores se posicionam no sentido de serem mais colaborativos: *“um ajuda o outro que a gente fala, né, porque o software quanto mais, digamos, quanto mais conhecimento cada um contribuir agrega valor, ele se torna melhor... cada um vai contribuindo, e a empresa é muito acessível quanto a isso, ele [o proprietário] pede para os funcionários contribuir”* (relato, trabalhador G. R., 2017).

A divisão técnica do trabalho é reconfigurada, pois se entende que a fragmentação entre concepção-execução do modelo taylorista-fordista “impede o fluxo [...] da nova matéria-prima promovida pela maquinaria informática: a informação” (Wolff, 2009: 102). Se, por um lado, verifica-se uma razão da ordem da materialidade para a promoção da flexibilidade, por outro, no percurso dessa reorganização da gestão, ampliam-se os espaços de construção simbólica para performances baseadas nos méritos individuais (Maia, 2019). Essa perspectiva de gestão estimula a integração do *time* e se associa à ideia de que todos estão ali para contribuir uns com os outros e para crescerem juntos, empresas e trabalhadores. Por essa razão, os investimentos em formação e em aperfeiçoamento são constantes: *“é ler, estudar algo pra no outro dia, quem sabe, usar. Ler algum artigo que possa ser importante pra algum cliente... É, que é do meu interesse poder aperfeiçoar o que eu já tô fazendo”* (relato, trabalhadora M. O., 2018). Trata-se de uma busca continuada por qualificação e um envolvimento voluntário e proativo com o trabalho, na medida em que o aperfeiçoamento das competências se sustenta na compreensão e/ou na expectativa de ser útil para a própria empregabilidade (Zanon, 2019).

Apesar das experiências inovadoras, que se verificam entre alguns trabalhadores, em termos de gestão, os empresários locais ainda estão longe de incorporar o que há de mais avançado. Um dos interlocutores afirma que, na cidade de Santa Maria, o empresário ainda tem uma mentalidade do “século passado”: *“um pensamento antigo de como as coisas funcionam, sabe? Ah, o chefe fica na sala dele, na cadeira lá sentado, só mandando, sabe?”* (relato, estagiário J. O., 2018). No entendimento dos entrevistados, as empresas retrógradas acabam dificultando o desenvolvimento técnico dos empregados e impedindo que coloquem em prática o lado empreendedor de cada um:



*“a empresa montou uma estrutura de trabalho dos anos 90, tipo, aquele líder... Desculpa, não, líder tem um significado totalmente diferente. Aquele gerente, aquele... Como é? Tipo aquele capitão... que cuidavam dos escravos, sabe? Que não deixava sair, era basicamente isso. Era um cara com um chicote atrás de ti batendo e dizendo “ah, a gente te paga 8h por dia e tu tem que entregar código, entregar programa as 8h por dia”, então se tu saísse mais tarde não tinha problema, eles não iam te pagar hora extra, mas tu chegasse um pouquinho tarde ou saísse exatamente no horário, já ficavam te olhando torto. Esse modelo de trabalho já não dava mais pra mim. Como eu te falei, eu descobri que a principal característica que me levou à programação foi a característica da criação... Tu não tem hora pra criação... Então não servia pra mim, e eu comecei a me incomodar”* (relato, trabalhador T. H., 2018).

Essa postura de gestão se contrapõe às expectativas idealizadas para uma empresa de tecnologia, frustra a realização profissional, a lógica do intraempreendedorismo e provoca angústia: *“eu realmente fiquei sufocado... eu acredito que eu entrei em depressão, porque eu chegava em casa e chorava, né? profissionalmente... eu não tinha perspectiva de futuro, entendeu? ... dei o sangue pela empresa e a empresa não cuidou de quem deu o sangue por ela”* (relato, trabalhador T. H., 2018). Em razão dessa frustração, esse trabalhador pediu demissão, pois ponderou que as práticas da empresa eram incompatíveis com a cultura da categoria profissional, fortemente marcada pela ideia de atividades laborais autônoma e criativa.

Em outro relato, também se pode perceber a dinâmica da relação entre as gestões tradicional e/ou moderna. A lógica retrógrada de gestão fratura valores fundamentais da categoria, os quais estão, em grande medida, associados à autonomia no exercício profissional. Para os interlocutores, uma típica empresa de TI é aquela que é inovadora no mercado e nas relações laborais. Mesmo nos casos em que as gestões criativa e horizontal não são acompanhadas por salários esperados, ainda assim, retroceder em relação à promoção de espaços laborais alternativos parece ser o limite, isto é, espera-se que um *modus operandi* progressista seja respeitado pelos empreendedores do segmento:

*“a gente não tinha muito horário, a gente tinha um horário da carteira de trabalho mesmo, por exemplo, meu horário era às oito, eu chegava oito e meia, nove horas porque no dia anterior eu estava atendendo um cliente até às dez da noite, a gente tomava café nas mesas e dava um tempo e a gente jogava vídeo game, jogava uma bola no pátio, era uma casa, tomava banho de piscina, fazia um churrasco, era bem tranquilo, era um ambiente mais caseiro”* (relato, trabalhador L. U., 2017).

Não se trata apenas do acesso a benefícios materiais, mas de um estilo considerado compatível com as ideias de risco e inovação – as palavras mais valorizadas no setor de tecnologia da informação. Trata-se de um repertório voltado a produzir a mobilização das inteligências e das subjetividades: “*tem videogame, tem puff, tem vinte minutos por dia para descansar, tomar seu café; não é aquela coisa de tu sentar no computador, olhar para frente e ficar ali trabalhando*” (relato, trabalhador L. U., 2017). Os trabalhadores fazem questão de distinguir a atividade de TI, no sentido de que, por ser uma atividade criativa, demanda um modelo de gestão flexível. A lógica empreendedora da inovação deve ser empregada em todas as frentes: produto, mercado e gestão da equipe. Critica-se, assim, os formatos tradicionais de gestão: “*um perfil antigo... Tem que dar uma chicotada... eu mando em todo mundo, eu chego com a cara fechada, todo mundo fica com medo e faz o que eu mando, mais ou menos era assim que eles imaginavam, não tinha mentalidade de uma empresa de tecnologia*” (relato, trabalhador H. E., 2017).

As formas de contratação são diversas nessas empresas, abrangendo estagiários, celetistas, *freelancers* e Pessoas Jurídicas (PJ). Todavia, no caso dos interlocutores, predomina a condição de assalariamento com carteira assinada. Praticamente, todos os trabalhadores de TI entrevistados se referem aos salários como insuficientes, considerando as demandas diversas de cada um: aluguel de imóvel, alimentação, vestuário, plano de saúde, viagens, lazer, entre outros. “*O salário da área de TI, e eu vou falar de uma forma geral, aqui em Santa Maria, é muito baixo. Mesmo o pessoal que tá há mais tempo ganha muito pouco em Santa Maria pro custo de vida que é, então eu comecei a perceber que não, não tava bom onde eu tava, e tipo, eu não tinha perspectiva*” (relato, trabalhador T. H., 2018).

Para superar o problema da restrição salarial, utilizam-se estratégias, tanto no sentido de mudar de empresa quanto de combinar diferentes empregos, de obter contratos na carteira de trabalho e em ocupações paralelas, como *freelancers*, tentar um negócio próprio e, com frequência, sair da cidade de Santa Maria, para buscar outros mercados, aceitando propostas mais satisfatórias, em termos salariais. Como se trata de um setor de trabalhadores especializados, cuja maioria tem significativa formação acadêmica na área da TI, uma avaliação de ordem meritocrática é feita na menção aos salários: “*Eu acho que, pela minha importância na empresa, eu poderia ter um rendimento melhor*” (relato, trabalhadora M. O., 2018). De certa maneira, há uma forte expectativa de que investimentos em capital escolar e em conhecimento mereçam correspondências salariais: “*veio a minha decepção do mercado de trabalho, porque eu estudava, eu evoluía e eu não tinha reconhecimento... eu não tive aumento de salário...*

*E eu não tinha perspectiva, 'eu sou programador, que que eu vou fazer?'*" (relato, trabalhador T. H., 2018).

As diferenças salariais são consideradas relativamente naturais, mas desde que justificáveis por critérios que passam, basicamente, por tempo de trabalho, conhecimento, cargo, escolaridade e outros preceitos, que tenham clara justificativa meritocrática. Um dos interlocutores comenta que, depois de pagar anos de faculdade: *"a questão de trabalhar como funcionário não é muito lucrativo... então acaba se ganhando muito mais desenvolvendo seus próprios projetos... melhor desenvolver tu sozinho em casa para uma grande empresa de um grande polo, por exemplo, do que trabalhar para uma empresa em Santa Maria aqui"* (relato, trabalhador M. I., 2017). Em razão disso, muitos trabalhadores também acabam investindo em projetos próprios na área: *"final de semana, eu uso para minhas coisas particulares"* (relato, trabalhador M. I., 2017).

Com base no fato de que muitas das empresas – por falta de condições e/ou para se tornarem mais competitivas – não oferecem salários e benefícios entendidos como próprios de uma empresa de TI, abrem-se brechas para conflitos, trazendo, portanto, elementos da concretude da experiência, que vêm a compor o entendimento a respeito das possíveis rupturas com as práticas e com os valores do empreendedorismo. Todavia, alguns desses sujeitos combinam a condição de assalariados e de proprietários de empreendimentos (Lima, 2010), de modo que tais articulações favorecem à imbricação entre posições e, sobretudo, entre as perspectivas e as identidades (Dubar, 2009), concorrendo para que trabalhador e empreendedor deixem de se colocar no imaginário como coisas invariavelmente distintas.

A expectativa quanto a abrir a própria empresa é variada e se faz presente de diferentes maneiras. Em relação aos que têm interesse em ter o próprio negócio, destaca-se: *"hoje em dia, o que eu sei é que eu não quero ser funcionário pro resto da minha vida... Então, eu preciso fazer alguma outra, eu não sei se eu tenho perfil de liderança, mas isso eu vou ver com o tempo. Vou arriscar pra eu ver se eu tenho este perfil"* (relato, trabalhador C. A., 2018). Nesse mesmo sentido, de querer abrir o próprio negócio, outro interlocutor se posiciona da seguinte maneira: *"eu pretendo adquirir o máximo de experiência possível e abrir minha própria empresa... eu quero experimentar, que eu acredito que dedicando todo meu esforço, todo meu trabalho em benefício próprio... vai te abrir novas portas. Então, é uma coisa que eu planejo"* (relato, estagiário J. O., 2018).

Para alguns dos entrevistados, a abertura do próprio negócio seria uma oportunidade para colocar em prática uma ação mais direta em torno do empreendedorismo: *"pensar fora da caixa... tentar buscar, resolver algum problema*

e tanto no teu desenvolvimento pessoal quanto na vida de outras pessoas” (relato, estagiário J. O., 2018). Uma das trabalhadoras indica que seu objetivo maior é de abrir o próprio negócio: *“Eu penso em adquirir experiência, aprender com erros dos outros e estudar, e aí também explorar algo que seja só meu, que eu mesma construa e que possa também ajudar outras pessoas a construírem as suas vidas”* (relato, trabalhadora M. O., 2018). Sobre a noção de empreendedorismo, conforme uma das trabalhadoras:

*“acho que é uma forma de trazer mudanças pra sociedade, acho que antes de qualquer ajuda a melhor coisa que tu pode fazer por uma pessoa, o que o empreendedor pode fazer, é dar um emprego pra uma pessoa que precisa, acho que é, socialmente falando, é algo essencial. Antes de falar em projetos sociais, acho que quando um empreendedor dá um emprego a alguém... dar essa chance pra essa pessoa poder trabalhar e poder construir sua vida, eu acho que isso é algo maravilhoso do empreendedorismo”* (relato, trabalhadora M. O., 2018).

A figura do empreendedor, como modelo de conduta, é preponderante nesses relatos. Ele é o personagem em melhores condições para promover o bem-estar social, o que se supõe que seja feito, por meio do mercado, mediado pelos protagonismos dos empreendedores (Dardot e Laval, 2016), *“se nós tivéssemos mais empreendedores, eu acho que facilitaria muito mais o cotidiano das pessoas”* (relato, trabalhador L. E., 2017). Um dos entrevistados afirma que tem dúvidas entre seguir a carreira acadêmica ou abrir o próprio negócio. Vive o dilema de continuar ou abandonar o emprego público para se deter exclusivamente aos próprios projetos. Hoje, dedica-se à atividade de programador, mais do que aos “negócios”, mas seu foco mesmo é ser empresário, justificando suas razões da seguinte maneira: *“um programador nunca vai chegar ao lugar do empresário, do empreendedor, de quem ganha, tu vai estar sempre ganhando a tua migalha, [por isso, o importante é] como fazer o negócio funcionar”* (relato, trabalhador J. U., 2017). Nas palavras do entrevistado: *“eu me vejo um pequeno empreendedor ... Eu acho que o mais bacana do empreendedorismo é tu poder criar algo ou entregar alguma novidade que vai mudar a vida de alguém ou que vai ajudar a vida de alguém a ser melhor”* (relato, trabalhador J. U., 2017).

A satisfação e as expectativas de parte dos entrevistados não são apenas financeiras, mas passam, em grande medida, pelo engajamento na criação e na possibilidade de inovar e, assim, contribuir socialmente. Entram, aqui, os critérios de justiça social, aos quais se referem Boltanski e Chiapello (2009), mais especificamente a motivação para fazer parte da construção do bem-estar de

uma coletividade. O envolvimento profissional e o afeto pela atividade passam pelo sentimento de missão social (Zanon, 2019) e pelas projeções, em torno da construção de um mundo simbólico de caráter modernizador (Maia, 2019).

Parte dos trabalhadores faz ponderações a respeito de ter o próprio negócio, tais como ter muita coisa para pagar e o retorno não ser seguro, nem suficiente. Um dos interlocutores afirma que, na universidade, teve disciplina sobre empreendedorismo, mas abrir o próprio negócio nunca lhe chamou atenção, pois prefere trabalhar somente com a parte de programação: *“acho que o Brasil é muito complicado pra isso, né? [risos] ... muitas questões burocráticas só pra abrir, muito imposto, prefiro não me arriscar assim ... acho que nunca abriria uma empresa... Muito incômodo, bah. Tá louco”* (relato, trabalhador C. E., 2018). Os trabalhadores também se referem à dificuldade para gerir e para liderar, assim como não gostariam de se comprometer com as burocracias, que envolvem as contratações e as questões tributárias. Um deles afirma que se deu conta de que não poderia ter a própria empresa porque gostava mesmo de programar:

*“tinha um professor meu que dizia assim na pós, sobre empreendedorismo: que tu pode ser empreendedor-empresário ou tu pode ser um empreendedor-empregado. Geralmente o mais fácil, o que mais rende pra ti é o empreendedor-empregado, é aquele que dá soluções pra empresa, que inova dentro da empresa dentro daquilo que ele atua... No momento em que eu consegui colocar em prática numa empresa, eu realmente cresci... Eu não me vejo como empresário. Não tô dizendo que eu nunca vou fazer isso, mas não é algo que eu tenha planejado... Eu gosto de ser empreendedor, eu já descobri isso, ... eu gosto de ser o empreendedor-funcionário do que o empreendedor-empresário”* (relato, trabalhador T. H., 2018).

Trata-se de uma visão ampliada de empreendedorismo como intraempreendedorismo (Filion, 2004) e, sobretudo, como subjetividade e modo de ser, que generaliza essa categoria classificatória nas esferas laboral e empresarial. No entendimento desse trabalhador: *“Todo mundo quer ser empreendedor, mas, na verdade, a maioria quer ser empresário. Não quer fazer algo novo, quer montar uma coisa que dê dinheiro e não tentar alguma coisa que vá trazer valor, certo?”* (relato, trabalhador T. H., 2018). Expressa-se, nessas circunstâncias, o ideal da figura que produz impacto, ao contribuir com a sociedade, encontrando novas soluções para os problemas; nesse caso, o emprego prático da “inovação” é a dimensão central e valorizada (Schumpeter, 1982). Desse modo, estabelece-se quase uma fusão de sentidos, posto que a palavra fulcral para o empreendedorismo também é medular no campo da tecnologia da informação: inovação.

Estabelece-se, assim, uma das principais pontes que conecta, ideal e simbolicamente, os diferentes atores e posições no segmento da TI. Um dos entrevistados afirma que abriria uma empresa apenas se realmente tivesse algo novo a propor, e se refere à noção ampliada de empreendedor:

*“tem se usado essa palavra como sinônimo de empresário. E eu acho que o empregado também empreende uma jornada, que é a jornada de se qualificar e direcionar a vida dele para os objetivos que ele busca, seja para qualificação profissional, ou seja, de estabelecer um determinado padrão de vida que ele deseja ou alcançar determinados conhecimentos, isso também é um empreendimento pessoal, né? ... eu enxergo como um empreendedor, hoje, como formando a minha pessoa, eu estou buscando conhecimento, aprimorando, né?”* (relato, trabalhador V. I., 2018).

A maioria dos interlocutores indica que não pensa em abrir o próprio negócio, mas que visa a contribuir com a empresa em que trabalha. Parte dos entrevistados compreende que o ideal do empreendedorismo se realiza plenamente nas expectativas em torno de abrir um negócio e de se inserir no mercado, a partir de uma inovação, embora nem todos desejem fazê-lo: *“eu gosto de ter ali o meu trabalho, fazer o atendimento e essa parte de empreendedorismo, por exemplo, vender, não sou muito bom em vendas, não ia conseguir vender, cobrar também, não sei cobrar... então não teria muito essa coisa de empreendedorismo”* (relato, trabalhador L. U., 2017).

Para parte dos interlocutores, a figura do empreendedor estará associada, sobretudo, àquele que inova e que abre o próprio estabelecimento, detendo não apenas a propriedade e a maior parte dos ganhos, mas os custos de envolvimento requeridos pela empreitada. Por mais que o discurso da gestão generalize o empreendedorismo como subjetividade, uma parcela significativa dos trabalhadores não concebe essa prática como efetivamente disponível – tanto no âmbito das intencionalidades como no da materialidade. Por outro lado, a ação de abertura do próprio negócio pode ocorrer por uma razão prática – como descontentamento salarial e desilusão com a ausência de retorno (das ordens econômica e do reconhecimento) à altura dos capitais sociais investidos – e, não necessariamente, por uma inclinação aos valores empreendedores. Além disso, por vezes, os relatos denotam uma maior valorização da condição do fazer técnico – o caso do desenvolvedor, por exemplo – do que dos significados e da ação empreendedora, propriamente, quer dizer, o engajamento é mais ligado à condição de artífice (Sennett, 2009) do que ao horizonte do empreendedor.

Em determinadas circunstâncias, as restrições do assalariamento – passar a vida inteira ganhando “migalhas”, como afirmou um dos interlocutores – impulsionam a busca por soluções, via projetos individuais, os quais são facilitados pelo tipo de “negócio imaterial”, que caracteriza o setor de TI. Apreende-se, dos relatos, que o assalariamento insatisfatório é fator que impulsiona a expectativa de abertura do próprio negócio, mas esse não se torna determinante em adesões unânime e incorrosível aos universos prático e valorativo do empreendedorismo. Para os interlocutores, há duas dimensões que podem estar mais ou menos articuladas: por um lado, há a ideia do empreendedor como subjetividade engajada aos valores da empresa; e, por outro, há as perspectivas de criar algo novo e de alimentar o sonho de vir a abrir o próprio negócio.

Mesmo no segmento da tecnologia da informação, um dos mais permeáveis ao modelo empreendedor de conduta, não raro o ideal de empreendedorismo não se coloca no campo das mentalidades e das ações – pelo menos, não se coloca em todos os seus sentidos –, indicando que, se esse repertório é dominante, ele não é o único disponível. Para muitos trabalhadores, as demandas centrais são, em grande medida, as das melhorias da gestão e da condição salarial. Há um espírito próprio a cada época. No momento atual, o empreendedorismo é a perspectiva que mais bem caracteriza as novas ideologias, associadas aos mundos da empresa e do trabalho. Todavia, apesar da influência exercida sobre os assalariados, como princípio classificatório, nem sempre se coloca como linguagem dominante e como alternativa desejável no horizonte das ações.

No que diz respeito à relação entre assalariamento e empreendedorismo, se, por um lado, os trabalhadores incorporam a lógica empreendedora, por outro, apesar das afinidades com as perspectivas de responsabilização, de individualização e de meritocracia, associadas ao empreendedorismo, a posição social do trabalhador ecoa na percepção, no reconhecimento e nas queixas a aspectos da gestão e dos baixos salários. Assim, a posição concreta dos trabalhadores – em particular, os benefícios e os rendimentos salariais – nem sempre corresponde às expectativas propostas pelas performances empreendedoras, uma vez que, nesse horizonte discursivo, cada um colhe o que planta, quer dizer, cada indivíduo obtém, em rendimento, o que investe em tempo, em dedicação e em conhecimento. Todavia, os trabalhadores que utilizam desse cálculo acabam, por vezes, percebendo que a equação não fecha nos termos desejados.

Assim, na experiência direta desses sujeitos, uma parte importante, que cimenta o empreendedorismo – os enunciados discursivos manifestos na linguagem da meritocracia –, entra em colisão com as vivências. Isso não significa, por parte dos assalariados, um completo abandono das premissas iniciais, mas traz

à tona elementos que apontam para o conflito, no âmbito da reprodução social. Nesse sentido, as experiências laborais, quando ficam aquém do esperado pelas projeções dos trabalhadores da tecnologia – inspiradas no espírito do Vale do Silício (Zanon, 2019; Pires, 2021) –, produzem conflitos e dificultam a completa adesão ao empreendedorismo, por parte dos assalariados.

## Considerações finais

Para Eagleton (1997), uma ideologia tenta não reconhecer que um dia nasceu, pois isso significa admitir que pode morrer:

a ideologia é antes um campo de significado complexo e conflitivo, no qual alguns temas estarão intimamente ligados à experiência de classes particulares, enquanto outros estarão mais “à deriva”, empurrados ora para um lado, ora para o outro na luta entre os poderes contendedores. A ideologia é um domínio de contestação e negociação, em que há um tráfego intenso e constante: significados e valores são roubados, transformados, apropriados através das fronteiras de diferentes classes e grupos.... (Eagleton, 1997: 96).

Existem várias dimensões nas ideologias: crenças, aspectos afetivos, inconscientes, míticos, simbólicos; quer dizer, elas não podem ser igualadas a meras proposições verdadeiras ou falsas. Não se pode atribuir à ideologia características invariáveis e é preciso evitar argumentos essencialistas e muito parciais. A ideologia é uma força social, que constitui ativamente, e de forma conflitiva, os sujeitos, mas essa não decorre de efeitos automáticos de estruturas objetivas. A tradução simbólica daquilo que os homens fazem é, também, uma forma de luta. Esse processo que cinge a “luta das classificações” (Bourdieu, 1990) faz parte do decurso de dominação/oposição simbólica.

O setor de tecnologia informacional é um dos grandes consumidores da literatura sobre gestão empresarial. Há um esforço empresarial para aderir às mudanças associadas às formas modernas de gestão do trabalho, as quais incluem novas técnicas organizacionais, autocontrole, gestão democrática e flexibilidade. A força do empreendedorismo no campo da TI é uma expressão da capacidade mobilizadora das ideologias. Nas esferas das intencionalidades e das ações, as expectativas são fluidas, variadas e comunicam sobre a questão das adesões e/ou rupturas com o empreendedorismo: 1) associadas ao intraempreendedorismo (subjetividade empreendedora); 2) vinculadas ao plano de abertura do próprio negócio (razão prática, com ou sem a adesão valorativa ao empreendedorismo); e 3) conexas ao aperfeiçoamento técnico (com ênfase na condição de



artífice do trabalhador). As maiores diferenças e as possíveis rupturas de sentidos, nos planos valorativo e atitudinal, são mais significativas no segundo e no terceiro pontos indicados acima, com destaque para as fendas, que se abrem, na ordem meritocrática do empreendedorismo, a partir das experiências laborais.

Assim, mesmo em um segmento como o da TI, cuja cultura profissional é especialmente aberta aos valores meritocráticos e às novas práticas de gestão, se, por um lado, observa-se uma afinidade com o empreendedorismo no plano das performances discursivas, por outro, nem sempre se verifica a mesma inclinação, no que toca às ações presentes e planejadas para o futuro, sobretudo, quando observadas do ponto de vista da experiência laboral. Trata-se, portanto, de uma equação que tenciona a permeabilidade do empreendedorismo no horizonte das práticas dos sujeitos.

## Referências:

- ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo, Boitempo, 2011.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, Theodor et al. (Org.). *Teoria da Cultura de massa*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Éve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. *O ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Ideologia e contra ideologia: temas e variações*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- BRIDI, Maria Aparecida. O setor de tecnologia da informação: o que há de novo no horizonte do trabalho? *Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais*, n. 41, outubro 2014, pp. 277-304.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo, 2016.
- DUBAR, Claude. A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 19, n. 64, setembro 1999.

- DUBAR, Claude. *A crise das identidades: A interpretação de uma mutação*. São Paulo, Edusp, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo, UNESP; Boitempo, 1997.
- FILION, Louis Jacques. Entendendo os intraempreendedores como visionistas. *Revista de Negócios*, Blumenau, v. 9, n. 2, abril/junho 2004, pp. 65-80.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Loyola, 1992.
- LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, setembro/dezembro 2010, pp. 158-198.
- NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice et al. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- MAIA, Marcel Maggion. Como as Startups crescem? Performances e discursos de empreendedores à procura de capital. *RBCS*, v. 34, n. 99, 2019.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.
- PIRES, Aline Suelen. As novas configurações espaciais do empreendedorismo tecnológico e as experiências de trabalho no polo de tecnologia de São Carlos-SP. *RBCS*, v. 36, n. 106, 2021.
- RAMALHO, José Ricardo. Dinâmica sociopolíticas em novos territórios produtivos. Dossiê: Novos espaços industriais e desenvolvimento regional. RAMALHO, Ricardo (Org.). *Cadernos CRH*, 19, n. 46, janeiro/abril, 2006.
- ROSENFELD, Cinara. Autonomia no trabalho informacional: liberdade ou controle?. In: PICCININI, Valmiria et al. (Org.). *O mosaico do trabalho na sociedade contemporânea*. Porto Alegre, UFRGS, 2006.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2008.
- SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro, Record, 2009.
- THOMPSON, Edward. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das letras, 1998.
- WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- WOLFE, Simone. O 'trabalho informacional' e a reificação da informação sob os novos paradigmas produtivos. In: ANTUNES, Ricardo e BRAGA, Ruy. (Org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo, Boitempo, 2009.

ZANON, Breilla. “*Não era amor, era cilada*”: startups, coworkings e a mobilização do desejo pelo mundo do trabalho. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2019.

Recebido em: 19/04/2021

Aprovado em: 28/08/2021

**Como citar este artigo:**

FERREIRA, Laura Senna. A ideologia do empreendedorismo no campo da tecnologia da informação: adesões e rupturas a partir dos trabalhadores assalariados. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 1, janeiro - abril 2022, pp. 395-421.